

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS/ À CPI, Aduino Lúcio Mesquita disse que não contribuiu para a contratação de trio elétrico que servia às manifestações contra a eleição de Lula. Em depoimento à Polícia Civil, o dono do veículo contradisse a versão

Empresário se complica em CPI

» PABLO GIOVANNI

Hugo Batista/Divulgação CLDF



Para membros da CPI, ele foi um dos financiadores do acampamento em frente ao QG do Exército e de equipamentos de som

O empresário Aduino Lúcio Mesquita, suspeito de ter financiado manifestações no Distrito Federal, negou, ontem, durante oitiva na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Atos Antidemocráticos da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), qualquer envolvimento nos atos de 8 de janeiro. Dono de uma rede de atacadista, ele é suspeito de ter contratado um trio elétrico para manifestações e realizado aportes para manter o acampamento de bolsonaristas em frente ao Quartel-General do Exército, no Setor Militar (SMU).

Assim como o seu sócio, o também empresário Joveci Andrade — que depôs à CPI em 13 de abril —, Aduino chegou na presença de três advogados. Natural de Unaí (MG) e morador de Águas Claras, ele tentou por duas vezes, segundo o presidente da CPI, Chico Vigilante (PT), conseguir um habeas corpus na Justiça para não comparecer ou permanecer calado, não se auto-incriminando.

À CPI, Aduino afirmou que doou para a campanha do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, o valor de R\$ 10 mil. Mesquita, em vários momentos da comissão, disse que frequentou o acampamento do QG do Exército três ou quatro vezes, e que em nenhum momento esteve no local em horário comercial, já que “tem negócios a tocar”. Os distritais, então, apresentaram um vídeo onde o empresário aparece convocando seguidores a se somar a ele na manifestação no QG, com dizeres de que as pessoas não podem “perder a vez”.

“Foi um vídeo meu, gravado do meu celular. A gente se empolga, presidente Chico Vigilante. Eu não sou nenhum influenciador, não tenho essa capacidade de captar gente (...). Nunca participei de nada da Esplanada. Esse movimento político pacífico no QG, eu

fui de três a quatro vezes. Na minha cabeça, nunca imaginei ir para a Esplanada”, disse. “Por mais que tenha essa impressão, que o QG tinha muita gente doida, fui lá três a quatro vezes. (...) Fiquei pouco tempo, vi apenas placas de ‘fora não sei quem’, ‘socorro Forças Armadas’. Diretamente, não contratei nenhuma tenda”, completou.

O empresário disse, ainda, que contribuiu de maneira indireta para a manutenção do acampamento no QG do Exército. Ele explicou que, durante os dias em que compareceu no QG, fez transferências por meio do Pix de R\$ 1.210. “Uma delas

(das doações), eu me lembro o que foi. Eu estava andando no QG e tinha uma tenda com uma cozinha. Tinha uma senhorinha que estava trabalhando de forma voluntária, dizendo que estava trabalhando pelo Brasil. Na tenda, tinha um Pix (na placa). A mulher, então, quase chorando, dizendo que o aluguel ia vencer e que amanhã ia tirar. Fui lá e botei R\$ 110 reais”, contou.

Por ser empresário da rede de atacados, os distritais o questionaram se ele financiou, de alguma maneira, alimentação dentro do acampamento, como o envio de carne e outros mantimentos. Aduino disse que não, e que se soubesse que as manifestações

se transformariam em golpistas, não participaria.

Trio elétrico

Durante a oitiva, Chico Vigilante questionou o empresário sobre a contratação de um trio elétrico, chamado Coyote, utilizado durante manifestações no QG do Exército. O distrital pediu a exibição de dois vídeos, onde o empresário aparece acompanhando o carro. Ao responder, Aduino negou que tenha contratado, mas revelou que ajudou na negociação para encontrar um “melhor preço” para a contratação do mesmo, considerado um dos maiores de Brasília.

O Coyote foi alugado por R\$ 30 mil. “Me apresentei na roda, e me apresentei como Aduino. Quem estava lá era o Aduino CPF, e não o Aduino CNPJ. Fui lá e disse para ele (Rubens) ajudar o pessoal, para fazer um preço melhor. Disse que eu sou comprador na minha empresa. Eu sei comprar, eu sei pechinchar”, explicou. “Não paguei um centavo do Coyote. Eu entrei para ajudar (na negociação) e pagaram. Minha participação no trio foi essa”, completou.

A versão de Aduino é confrontada pelo dono do trio elétrico, que contou em depoimento à PCDF que quem tratou diretamente com ele para a contratação do trio foi o empresário mineiro. De acordo

Pente fino

Antes do início da CPI, uma equipe do Exército Brasileiro compareceu à CLDF para fazer uma inspeção e garantir a presença dos generais Augusto Heleno e Gustavo Henrique Dutra, nos próximos depoimentos. Com a aprovação do requerimento que decidiu convocar o comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) Klepter Rosa, os distritais titulares da comissão decidiram acertar, de vez, a agenda para maio e junho.

com documentos extraídos pela CLDF, Aduino não só intermediou, como contratou os serviços de Rubens nos dias 2, 5 e 6 de novembro, com o trio funcionando das 17h às 20h. Cada diária foi R\$ 10 mil. Somando os R\$ 30 mil.

Aos investigadores, Rubens esclareceu que, após a contratação do trio nesses três dias, ele alugou novamente o Coyote para manifestações de 13 e 15 de novembro. Na ocasião, quem seriam as pessoas contratadas seriam pessoas identificadas como “Linaldo, Major, Priscila e Daniel”, após o sucesso do trio nas três manifestações anteriores. Para a polícia, Priscila é a mulher identificada como Ana Priscila Azevedo, presa pela Polícia Federal em 10 de janeiro, suspeita de ser a organizadora dos atos terroristas em Brasília. O “Major” é o major da reserva da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) Cláudio Mendes dos Santos, preso pela PF em 23 de março, considerado como um dos locutores oficiais do movimento golpista.

Os empresários também são investigados, em inquérito da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), por estarem outdoors nas rodovias do DF, em apoio à reeleição do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Para despistar, os cartazes fizeram alusão aos jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Catar.

INVESTIGAÇÃO

Preso traficante ligado a facções

» PEDRO MARRA

Uma megaoperação da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) cumpriu 80 mandados de busca e apreensão e 14 de prisão temporária na capital e em outros estados como Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Ceará e Minas Gerais. Denominada Operação IL Padrino, a ação também resultou no bloqueio de dezenas de contas bancárias, com sequestro judicial de valores, cinco imóveis e 20 veículos de luxo, além da prisão de um megatraficante identificado como Cícero da Silva Oliveira, mais conhecido como “Padrinho.”

O trabalho coordenado pela Coordenação de Repressão às Drogas (Cord) é resultado da apuração de tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e organização criminosa altamente hierarquizada e capitalizada, com atuação comprovada em diversos estados do país. Durante as investigações,

os policiais identificaram que o grupo criminoso está envolvido no transporte de cocaína da fronteira do Brasil com demais países da América Latina até o DF.

Cícero da Silva, considerado o principal investigado, foi preso em Brasília quando ainda era um traficante que atuava como transportador dos ilícitos. Em 2013, ele foi detido com mais de 1 mil comprimidos de ecstasy e condenado com outros quatro suspeitos por tráfico e associação ao tráfico. A sentença condenatória diz que os investigadores se juntaram para praticar tráfico de drogas interestadual.

A polícia constatou que o grupo atuava na compra, venda, transporte, armazenagem e distribuição de cocaína e drogas sintéticas entre Mato Grosso do Sul, Paraná, Goiás e o DF. Em 10 anos, segundo a Polícia Civil do DF, Padrinho evoluiu do status de criminoso mediano para uma das lideranças de facções

PCDF/Divulgação



Operação cumpriu 80 mandados contra grupo acusado de tráfico de drogas

criminosas que atuam no Distrito Federal, como o Comboio do Cão e o Primeiro Comando da Capital (PCC). A ligação com a organização paulista veio depois que a polícia constatou o recebimento de valores enviados de contas-correntes de

“laranjas” para a de Padrinho. A movimentação bancária foi identificada como “contas caixas” da facção para venda de cocaína no DF.

Recentemente, Carlos foi condenado por integrar a organização criminosa (orccrim), no DF,

resultado da Operação Judas, desarticulada pelo Departamento de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado (Decor). A quadrilha era responsável pela prática de vários delitos, como tráfico de drogas e armas de fogo, além de homicídios no Riacho Fundo,

Recanto das Emas, Samambaia, Ceilândia e em Taguatinga.

Luxo

O líder da organização criminosa e outros integrantes realizaram movimentações bancárias frequentes e de altos valores. Policiais civis apuraram que a “orccrim” recebeu dinheiro de diversos traficantes de drogas do DF, do Entorno e de outros estados. O grupo também transferiu direitos sobre veículos para vários suspeitos envolvidos em crimes violentos e tráfico de drogas.

Carlos ostentava uma vida de luxo. Em Juazeiro do Norte (CE), Padrinho mantinha uma mansão avaliada em R\$ 2,5 milhões. Na garagem, o traficante guardava carros importados, como uma BMW X6 Competition, Mercedes e Jaguar.

A operação contou com o apoio das Polícias Cíveis do Ceará (PCCE), de Goiás (PCGO), de Tocantins (PCTO), de Minas Gerais (PCMG), de São Paulo (PCSP), do Rio de Janeiro (PCRJ), força-tarefa da Polícia Federal (PF), Secretaria de Segurança Pública do Ceará (SSP-CE), Polícia Militar do Ceará (PMCE), Polícia Rodoviária Federal (PRF) e Receita Federal. No total, o efetivo foi de aproximadamente 300 policiais.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 4 de maio de 2023

» Campo da Esperança

Eustáquio Batista de Castro, 77 anos
Juscelina Alves dos Santos, 96 anos
Luiz Carlos Salles Gomes, 90 anos
Norma Vitoria da Luz, 78 anos
Otaclia Batista da Silva, 98 anos

» Taguatinga

Antônio Oliveira Lima, 52 anos
Domingas Ribeiro de Araújo, 82 anos
Élia Queiroz, 73 anos
Filipe da Silva Lima, 31 anos
Ivo Amaro do Bomfim, 77 anos
Jasmine Ohana dos Santos Alves, menos de 1 ano

Maria Joaquina de Jesus, 78 anos
Poliana Poulini de Souza Trovão, 38 anos

» Gama

Otaclio Tavares, 87 anos
Thiago José Furtado, 41 anos

» Planaltina

Denilda Pinto De Souza, 53 anos
Hellen Karen de Oliveira da Silva, 28 anos

» Brazlândia

Antônia dos Reis Batista Avelino, 39 anos

» Sobradinho

Genilson dos Santos, 48 anos
Hermes Ferreira de Moura, 70 anos
José Nailson da Silva dos Santos, 52 anos
Job Alves Coimbra, 54 anos
Ravi Rodrigues Muniz, menos de 1 ano

Raimundo Pereira da Silva Neto, 44 anos
Jonildo Arlindo Pereira, 66 anos
Jôelma da Conceição Silva, 49 anos
Kaio Martins Araújo, 8 anos
Natália Goulart Alves De Mello, 33 anos